

Sinopse

Amigos desde a infância, Anaís Darnby e Lindsay Markham guardaram por muito tempo uma paixão secreta um pelo outro. Quando finalmente confessam seu amor, o futuro juntos parece assegurado, selado com um abraço ardente. Mas quando o devasso Lindsay é seduzido por uma dama calculista da sociedade, Anaís devastada busca refúgio na cama de outro homem enquanto Lindsay retira-se para o exótico Oriente.

Lá, é seduzido novamente, desta vez pela sedutora fumaça vermelha e a sinistra beleza do ópio. De volta para casa, o vício de Lindsay é alimentado pela moda por todas as coisas orientais, especialmente os prazeres sensuais, tão em moda na sociedade de Londres. Em seus momentos de lucidez, Lindsay ainda cobiça Anaís, que não pode permitir que ele se aproxime, nem esquecer seu toque ardente. Torturado por duas obsessões, o ópio e Anaís, Lindsay deve finalmente decidir com o que realmente não consegue viver sem.

Comentário Revisora Silvia Regina:

Esta foi minha primeira tradução e revisão do inglês e estou muito feliz por conseguir concluí-la. Tornei-me grande fã de Charlotte Featherstone, pois seus personagens são muito intensos e apaixonantes. Neste livro encontramos personagens muito complexos em uma novela romântica e erótica muito intensa. Devo dizer que não é uma estória fácil, tipo água com açúcar, mais sim densa e real para uma época cheia de vícios e preconceitos. O nosso herói tem os sentimentos mais intensos que já li em um personagem, devo dizer que por isso, e também pelo seu vício, o pobre sofre o diabo e em dobro. Apesar de suas falhas é adorável. Já a heroína, que é fora do padrão mignon da época, acorda para a vida de forma bastante dolorosa em parte devido a seu orgulho. As cenas hot são ótimas ao extremo. Há também personagens coadjuvantes intensos que são apresentados neste livro e que estão presentes no livro "O Pecador" (*). Resumindo, super-recomendo a leitura deste livro. E um conselho se não tiver um coração de pedra prepare um lençinho, pois poderá precisar.

“Opium une as almas dos fumantes que se reclinam em torno de uma mesma lâmparina. É um banho em uma atmosfera densa, um encontro em uma cama com capas pesadas, uma verdadeira ligação que não se pode resistir. Há, certamente, em cada viciado em ópio um amante infeliz ou insatisfeito.”

Prólogo

Escravo. Servo. Viciado. Os outros que vieram antes foram chamados de tais coisas, mas eu prefiro pensar em mim como um discípulo, um devoto seguidor da minha amante voluptuosa.

Dizem que minha amante tem uma beleza sinistra, e talvez eles estejam certos. Mas quando me pego em seu abraço inebriante não há nada de sinistro nela. Como pode ser má, quando ela inunda o meu corpo em mil êxtases? Como ela pode ser qualquer outra coisa senão uma feiticeira radiante quando me leva às alturas nunca antes experimentadas?

Não, minha amante é muitas coisas, mas não é uma personalidade fraca em um manto diáfano. Na verdade, ela exige muito de mim, mas eu sei como persuadir e mimá-la para que sua pele negra responda às minhas mãos hábeis. Entre meus dedos, ela se derrete como uma mulher no meio do clímax.

Eu a aqueço cuido dela, espero pacientemente que me cubra em seu abraço sensual e suave. Eu a adoro.

O meu relacionamento com a minha amante é simples. Eu sei o que ela quer de mim, ao mesmo tempo entende e satisfaz as minhas necessidades. Como qualquer amante é, às vezes, exigente ao ponto da asfixia, sempre querendo e precisando de mais. Mas quando eu estou com ela, me ama como se nada ou ninguém a possuísse.

Tudo que ela quer é o meu regresso, noite após noite, hora após hora. E eu volto com grande expectativa. Sempre acolhe o meu regresso a casa com os braços estendidos e juntos vamos fazer o amor mais doce e decadente, um amor em que dois se tornam um. Onde me torno tão enrolado em seus poderes de onde nunca quero sair.

Ela está aqui agora, eu percebo como vejo os dedos cinzentos de sua chegada começar a rodopiar a partir do altar que já preparei para ela. Logo estará enrolando os dedos no meu cabelo, acariciando meu rosto, cobrindo a boca com a sua beleza evocativa. Vou sentir sua fragrância inebriante na minha língua, inalar seu cheiro agridoce profundamente em meus pulmões. Minha mente ficará embaçada, vai começar a vagar e flutuar. Voltarei a cair na minha almofada de veludo vermelho, embriagado de expectativa enquanto eu observo os casais ao redor fazendo amor. Eu os vejo como um voyeur desencarnado. Nem mesmo os sons e as imagens de uma orgia em torno de mim pode me excitar tanto como o pensamento que minha amante me invoca.

Luxuriantes traseiros femininos, nus e pálidos, estão diante de mim. Seios de todos os tamanhos e cores me tentando e convidando. Bocetas, reluzentes, prontas para o acesso tentando me seduzir, mas eu espero por minha amante, como qualquer amante dedicado faria. E vale a pena esperar, porque quando eu estou excitado e ansioso, minha encantadora amante vai me consumir com seu fogo e me satisfazer com seus cuidados e atenções habilidosos que

são muito mais agradáveis do que ver o espectro sonhador dos casais nus se contorcendo diante de mim. Enquanto eles desfrutam uns dos corpos dos outros, eu só posso encontrar satisfação e prazer nos braços de minha feiticeira.

Entre os tentáculos tênues minha amante sobe como Vênus a partir de sua concha. Ela me chama e eu lhe permito assumir, com suas mãos ávidas passando consecutivamente por meu corpo e mente em um frenesi de tentações orgásticas.

Com um sorriso eu esqueço as mulheres que estão aos meus pés. Eu não mais ouço seus gemidos, os sons do roçar de carne contra carne. Não mais as vejo cavalgando o grupo de homens enquanto agitam os cabelos por cima dos ombros e lançam-me um olhar que me convidam a me juntar a sua festa. Em vez disso, eu caio para trás e permito que minha amante me cubra plenamente até que eu me sinta sufocado em seu perfume inebriante.

Logo sua névoa etérea vai começar a evaporar e partir como os galhos de uma árvore ao vento, me revelando a mulher de carne e osso dos desejos de meu corpo. Esta mulher de carne que nunca se encontrará aqui neste antro de prazer. Este é o momento em que eu vivo com a minha amante. Este poder que tem de evocar minhas mais sagradas e privadas fantasias. O deslumbramento me seduz acenando com o vislumbre da mulher que desejo, a mulher que governa meu coração por tanto tempo que não vejo nenhuma outra, exceto a ela. Não desejo ninguém mais além dela.

Através dos olhos de pálpebras pesadas eu vejo a minha amada de carne e osso, sua pele pálida tingida da cor creme, seu cabelo longo, dourado e brilhante como uma seda da cor do milho ao sol quando diante da vela no queimador de bronze. Através dos vapores, eu posso vê-la se despir para mim, seus seios saltando de seu vestido. Não mais seguros eles são exuberantes e cheios, os mamilos cor de rosa pálido e perolados, esperando por minhas mãos e boca para mostrar seu prazer. Lentamente, como se a estender o meu tormento, ela espera para revelar o resto de sua linda forma. Mas eu espero pacientemente, permitindo que minha amante mantenha sua posse para mim até que a sua beleza possa percorrer os tentáculos que torcem a fumaça e cair aos meus pés. Está sempre nua meu anjo, e ela sempre me deseja. O meu verdadeiro eu. O homem que sou. Mesmo que minha amante esteja lá assistindo, sussurrando em meu ouvido.

É sempre um ménage, essa aproximação. Sempre a minha amante fica entre meu amor de carne e eu. Mas neste mundo de fumaça vermelha e sonhos, as duas me mantêm extasiado e convivem harmoniosamente lado a lado. Não existe raiva. Nenhuma inveja mesquinha por minha atenção. Não exigem que eu abandone nem a uma ou a outra. Porque eu não poderia. Preciso de ambas como preciso de ar. Uma governa minha mente e minhas forças e a outra, o meu coração, alma e corpo. Para uma sou um homem, um aristocrata com um segredo. A outra conhece o que eu sou. Um viciado em ópio.

Escravo, servo, viciado. Suponho que o sou. Mas prefiro pensar em mim como um discípulo. É muito mais aceitável acreditar que neste caminho que entro é baseado em devoção e fé, não pelos laços da escravidão.

CAPÍTULO 1

Bewdley, Worcestershire, Inglaterra 1850.

— Levante-se milorde.

A voz rouca de seu valete penetrou através da espessa neblina em seu cérebro, perturbando o sono tranquilo e os efeitos prolongados da fumaça vermelha.

— Cai fora, Vallery, — Lindsay gemeu.

Seu valete, sempre o respeitoso cavalheiro dos cavalheiros, gemeu sob o peso de Lindsay quando o puxou para cima do divã de brocado.

— Qualquer outra vez eu o faria, milorde, mas Lorde Darnby e seus familiares estarão aqui dentro de uma hora e eu tenho de livrá-lo da devassidão de um dia.

Lindsay sentiu seu braço sendo jogado em torno do pescoço grosso de Vallery. Sua cabeça pendeu um pouco, forçando-o a abrir os olhos. Estava em seu recanto de prazer, os remanescentes da última noite de bacanal ainda estava em torno dele. Com a mão firme de seu valete e algumas piscadas dos olhos ardentes, Lindsay se viu lentamente acostumando-se com o mundo ao seu redor. Das janelas viu que o céu não estava brilhante com o sol, mas escuro, a cor do crepúsculo. Maldição, que horas eram?

— São quase sete milorde.

Vallery respondeu quando viu o foco confuso do olhar de Lindsay sobre o céu que escurecia.

— Você dormiu o dia todo. Agora tem esse tempo para se limpar.

Sim. Um banho e fazer a barba iriam colocá-lo em ordem. Isso sempre resolveu.

— Agora, então, você vai se banhar nas águas ou quer que eu o leve para os seus aposentos através das escadas dos criados?

— Minha mãe está por perto, então?

O rosto grosseiro de seu valete surgiu nitidamente na linha de sua visão. Vallery não era um francês efeminado que cacarejava sobre ele e suas roupas. Sua formação pouco ortodoxa e atualizada que trazia foi o que fez Lindsay desejá-lo como seu servo de maior confiança. Foi a lealdade inabalável de Vallery que Lindsay apreciou mais, não as dobras intrincadas de uma gravata engomada.

— Será que estaria perambulando pelas escadas antigas transportando-o ofegante se a marquesa não estivesse voando alto nos galhos?

Vallery resmungou.

Lindsay riu e tirou o braço de seu criado. Estava sóbrio como um monge agora, embora pudesse dizer a partir do olhar de Vallery que sua aparência ainda permanecia com uma pitada de devassidão.

— Acho que minha mãe, provavelmente, cacareja e cisca como uma galinha. Ela geralmente faz isso quando espera companhia.

— Penso que você gostaria de saber que o Duque de Torrington já chegou.

— E Wallingford?

— Ainda não, milorde.

Lindsay riu quando ele puxou a gravata já desamarrada do seu pescoço.

— Não estou surpreso. Wallingford tornou sua promessa solene de nunca estar em companhia de seu pai. Por que as coisas mudariam, hoje?

Vallery não disse nada enquanto Lindsay continuou a retirar suas roupas. Como o servo obediente que era seu criado estendeu a mão para pegar as roupas amassadas, dobrando com cuidado sobre seu braço.

— Então é o banho, certo?

Com um aceno de cabeça, Lindsay envolveu suas calças sobre os braços de Vallery e se dirigiu para o banho de água mineral. Ele entrou na água quente e permitiu envolver seu corpo e mergulhar seus músculos. Com um suspiro, olhou para o teto em arco acima da cabeça, em seguida, de volta para a água que borbulhava em torno dele. A fonte de água mineral quente corria debaixo da casa, permitindo-lhe esse pequeno luxo. Naturalmente, ele havia projetado aquele recanto de prazer ao redor dos banhos, que agora se assemelhavam a um banho turco do Oriente Médio. Foi algo saído das Mil e Uma Noites. A única coisa que faltava era uma linda odalisca.

Lindsay sorriu para si mesmo. Sabia exatamente quem gostaria que estivesse naquele papel em particular. Ela iria estar ali em sua casa esta noite. O desejo já estava borbulhando em suas veias. Ele havia negado por muito tempo. Já era tempo, um tempo passado distante na realidade, para ver se a senhorita o desejava da mesma forma.

— Precisa ser rápido com isso esta noite — Vallery disse por cima do ombro.

— Você não vai querer que sua Lady Anaís o veja nesse estado.

Lindsay fechou os olhos ao sentir a pontada de dor no peito. Não queria o nome dela sujo com seu outro vício. Quão bem Vallery o conhecia, pois a última coisa que Lindsay desejava era que Anaís soubesse como ele se envolveu com o ópio. Anaís não entenderia.

— Você acerta suas flechas bem, Vallery.

— Tenho a intenção de feri-lo, milorde. Nunca matar.

— E na ferida que já existe.

Lindsay sabia o que pensava Vallery, mas seu criado estava errado. Ele podia parar. Não era um frequentador. Poderia e deveria parar. Uma vez que tivesse Anaís em sua vida e em sua cama, não teria mais utilidade para o ópio.

Afundou-se sob a água, não mais desejoso de ver o seu valete o olhando com o que Lindsay sabia ser preocupação. Quando se levantou limpou a água dos olhos, sacudiu os longos cabelos ondulados livrando-os da umidade e saiu da banheira. Vallery estava lá, segurando um roupão preto.

— Eu quis dizer-lhe ontem à noite, antes da sua celebração, — Vallery disse sem jeito como elaborando o discurso, — como sou grato por você me permitir essa venda de ações. Fiz um bom dinheiro, e nem sequer seriam autorizados no câmbio, se você não tivesse feito o lance para mim.

Lindsay deu um tapa no ombro de seu valete para acabar com seu longo sofrimento.

— Nós dois fizemos um bom dinheiro, meu amigo. Além disso, o conhecimento é para ser compartilhado entre os homens, dentre todas as classes. Você está franzindo a testa agora,

Vallery, mas marque minhas palavras, você vai ver em outros vinte e tantos anos como a classe média substituirá a aristocracia. Como os dinossauros em exposição no Museu Britânico, a aristocracia, um dia, enfraquecerá e se extinguirá.

— Se você está dizendo, milorde.

— Você duvida de mim, mas acredito no que digo.

— Seus pensamentos vão levá-lo a ser expulso do parlamento, uma vez que você ganhar sua cadeira.

— Há outros como eu, Vallery. Há toda uma classe de homens que pensam como eu penso.

— Isso era na universidade, quando você era jovem e idealista. Todo jovem nessa idade quer mudar o mundo. Todo mundo acha que pode. Então saem para o mundo real, e, em seguida, decidem que o privilégio do seu nascimento é mais importante do que lutar pelas vidas miseráveis daqueles nascidos abaixo deles.

— A ociosidade e a indolência. Isso é o que sempre digo da minha classe.

— Eu não quero insinuar que você está sempre indolente, milorde.

Lindsay pegou a toalha que Vallery estendeu para ele e secou o cabelo.

— Mas você acha que a minha riqueza poderia ser mais bem gasta do que em casas de ópio de luxo.

— Você tem sido conhecido por ficar desaparecido por dias, milorde.

— Deixe-me me preocupar com isso. Você se preocupa com o que eu disse. O mundo está mudando, Vallery. Lenta, mas seguramente. Eu sei que isso pode mudar. Sei que isso irá mudar.

— Os ricos continuarão a possuir, e os que não têm vão continuar a passar sem. É o caminho das coisas. A base do nosso império.

— Eu vejo as falhas dos nossos antepassados nobres. Não é mais possível as nossas grandes propriedades prosperar e sobreviver nas costas do trabalhador. Com o tempo, Vallery, nós, os aristocratas estaremos trabalhando como os homens, também.

— Você já faz milorde. Ganhar dinheiro é a sua vocação de tempo integral.

Lindsay sorriu.

— Eu tenho um talento especial para isso, eu admito. Mas o que eu acho tão emocionante é ensinar aos outros como dobrar, triplicar sua renda.

— Você tem o coração de um comerciante, acumulando seus tesouros e contando seu dinheiro e tem a mente de um mercenário que usa de estratégia em cada movimento. Vai me perdoar por dizer, milorde, mas você é diferente de qualquer aristocrata que eu já conheci.

— E é por isso que você aproveitou a chance para ser meu valete uma vez que seus dias de soldado acabaram.

Vallery, taciturno, revirou os olhos. Lindsay jogou a toalha molhada para ele.

— Você pode me acusar de muitas coisas, mas nunca de negar conhecimento aos homens simples. Eles também merecem uma chance. Só estou cuidando para que ganhem. Por

que deveria ser apenas os sangues azuis, quem tem a oportunidade de aumentar suas fortunas? Nós nascemos ricos, o homem sem nome não. É o único que precisa de oportunidades na vida.

— Você é um bom homem, milorde. Quando poderá vê-lo? Você não é seu pai, nem é susceptível a se tornar como ele.

Lindsay fez uma careta.

— Meu Deus, Vallery, não fique todo sentimental comigo agora. Isso me dá urticária. Prefiro que me trate como um asno estúpido pelo meu comportamento que falar nesse tom de melodrama. Eu já lhe disse uma vez ou mais, sou um diletante. Um amador se quiser. Eu não sou um viciado dependente.

— Claro milorde.

Lindsay sabia que o homem estava mentindo. Sabia que seu valete estava preocupado. Mas não havia nada para se preocupar, porque ele poderia jogar fora o cachimbo sempre que estivesse bem satisfeito. Não usava com frequência.

— Estou sempre disponível para você, Vallery. Deus sabe que você atura o suficiente das minhas falcatruas desde Cambridge. O mínimo que posso fazer é cuidar para que sua aposentadoria seja próspera.

— Não há como negar a sua habilidade para mudanças. Você certamente já salvou esse lugar da demolição, — Vallery murmurou enquanto olhava ao redor da arquitetura mourisca pródiga que os rodeava.

— Meu pai se revolveu em seu copo por muitos anos. Não vê o bom funcionamento desse lugar há décadas.

— Espero que ele saiba a quem está devendo.

Lindsay riu enquanto ele amarrava a faixa em torno de sua cintura.

— Meu pai está muito ocupado bebendo e na devassidão para perceber o que se passou ao seu redor. Inferno, as paredes poderiam desabar sobre nossas cabeças que ele estaria bêbado demais para um aviso prévio. Não, meu pai se preocupa com seus cães e sua bebida, minha mãe e seus confortos desapareceram de sua mente há muitos anos.

Deslizando dois dedos sobre o queixo, Lindsay sentiu o crescimento que entrou em erupção desde a noite passada. Inclinou-se e olhou para o reflexo sombreado no espelho.

— O que você acha? Demais?

— Eu acho que você vai assustar as senhoras, milorde.

— Sério?

Duvidava que Anaís ficasse com medo de um pouco de barba. Não ela. Não era uma menina boba. Possivelmente poderia até gostar. Sorriu, correndo os dedos sobre a barba. Talvez Anaís não se importasse em saber as vantagens de um pouco de pelo facial. Com o professor adequado, Anaís poderia muito bem receber essas lições. Certamente iria apreciar o raspar de seu queixo contra suas suaves coxas carnudas. Sabia que sem dúvida gostaria.

— Não cabe a mim responder, milorde.

— Quando foi que você alguma vez se importou?

Lindsay interrompeu quando ele pegou uma cadeira e permitiu que sua cabeça fosse inclinada para trás, em preparação para barbeá-lo.

— Você me permite algumas liberdades, milorde.

— Sim, bem, sou um homem da Renascença. E continuo permitindo isso de você, Vallery.

— E eu continuo dizendo a você que não sei o que isso significa.

Lindsay o viu alcançar a lâmina de prata e fazer redemoinho na água da bacia de cerâmica azul.

— Isso significa que eu sou bastante liberal e minha maneira de pensar é nova e talvez um pouco inconformista.

Vallery grunhiu e trouxe a lâmina contra a garganta de Lindsay.

— O que eu ia perguntar milorde, é se você queria o casaco azul e colete marfim esta noite.

Lindsay podia praticamente ouvir seu valete terminar a pergunta.

— Você sabe os novos que você estava guardando apenas para a noite certa.

— Você deve ter encontrado a caixa que eu escondi no colete.

Vallery corou.

— Na verdade eu encontrei milorde.

— O que você achou?

— Eu penso que você deverá obter algum tipo de suporte para a mão da senhora. Essa joia é a maior que já vi.

Lindsay sorriu.

— Veio por todo o caminho da Índia. Custou-me um bom montante, mas o que isso importa quando terei o privilégio de vê-lo todos os dias em seu dedo. Eu penso nisso como minha marca, Vallery. Espero reclamá-la com esse anel.

— Acho que qualquer mulher poderia ser reclamada por essa bugiganga, Milorde.

Lindsay riu. O diamante era muito grande, mas não extravagante. Esperava que afirmasse devoção e amor eterno, não a ganância.

— Você acha que esta noite seria uma boa noite para perguntar a ela, Vallery? É isso que você está sugerindo?

— Não me cabe sugerir, milorde.

Ele ria. Maldição, seu valete mandão estava sempre sugerindo. Na noite passada, sugeriu que tinha o suficiente da fumaça vermelha. Lindsay havia cuspidado nele, soprando outra nuvem.

Terminou com a barba, Lindsay se levantou e caminhou até o sofá onde Vallery havia preparado suas roupas de noite. O novo casaco azul e o colete de brocado marfim estavam lá. Lindsay se perguntava se seu criado foi gentil o suficiente para colocar a caixa marrom contendo o anel de esmeralda e diamante no bolso.

— Você tem o olhar do gato que acabou de comer o canário.

Vallery murmurou enquanto limpava o material de barbear.

— Está óbvio, não é? E como posso evitar — ele perguntou.

— Vou pedir a mulher mais bonita do mundo para ser minha esposa.

— Que alívio, — seu valete zombou.

— Agora eu não vou ter mais que escutá-lo em cólicas falando sobre a garota. Uma vez que é anormal você estar apaixonado por ela.

— Não, — Lindsay sussurrou enquanto a imagem de Anaís veio à mente.

— É a coisa mais normal do mundo amá-la tanto quanto eu a amo.

— Bem, é melhor você começar a sair desse seu recanto de prazer e fazer o caminho para o salão de sua mãe. Você está atrasado.

Lindsay se vestiu rapidamente e deixou o recanto, que foi há algum tempo a mesma gravemente negligenciada e degradada estufa de sua mãe. Quando entrou com o dinheiro de seus investimentos empresariais, ele reivindicou a monstruosidade em ruínas para si e a transformou em uma fuga. Concebido como o Alhambra, na Espanha, que foi o máximo da decadência. Com a sua influência moura, e a sala de banho de fonte termal, era um mundo dentro de um quarto. Um refúgio que ele ansiava no final do dia. Pensava nele como seu harém. E o decorou como tal.

— Ah, aqui está ele, finalmente.

Seu pai, o Marquês de Weatherby disse em uma voz que já estava arrastada pela bebida.

— Boa noite, senhor.

Lindsay acenou com a cabeça na direção de seu pai, em seguida, estendeu a mão para a mão enluvada de sua mãe.

— Mamãe, você está linda esta noite.

Seu olhar vagou sobre ele, como fazendo um balanço de sua aparência. Não havia mais nada em seus olhos para ela pegar. Nada além do filho obediente e amoroso de pé diante dela, beijando-lhe a mão. As manchas de sua amante foram lavadas de seu corpo. Ele estava limpo. Por quanto tempo, não sabia. Não importava, essa noite não pensava nela, e nem quando seria a próxima vez que iria necessitar de seus serviços.

Ele fez um trabalho rápido com as apresentações, ao mesmo tempo resistindo à vontade de procurar Anaís. Era um jogo que gostou de jogar, para ver quanto tempo podia aguentar em não vê-la.

Seu corpo estava agora tão tenso quanto um arco. Sua boca seca pela conversa. Seus olhos famintos por um olhar em seu corpo maduro e rosto adorável. Como se os convidados do jantar soubessem de sua necessidade, eles se afastaram, revelando Anaís de pé ao lado da lareira, conversando com sua irmã mais nova.

Ela deve ter sentido seu olhar ardente, porque parou de falar e virou-se para olhar para ele. Seu sorriso percorreu todo o caminho até o seu centro, batendo como uma corrida, como a primeira grande inalação de ópio. Se o futuro de um homem era verdadeiramente predestinado, o seu destino foi escrito quando ainda no ventre, pois estava olhando para a mulher que era o seu destino, a mulher que sabia foi criada exclusivamente para ele.

Sempre soube que algum dia Anaís pertenceria a ele. Ela seria mais do que sua amiga. Sempre acreditou, mas nunca como neste momento enquanto seus olhares colidiram ao mesmo tempo, e seus corpos se tornaram consciente um do outro.

Ela sempre o deixou sem fôlego. Sempre foram amigos, desde a infância, mas seus sentimentos não eram mais castos ou platônicos. Não, seus sentimentos e desejos eram quentes. Apaixonados. Eróticos. E os sonhos perfumados que teve de Anaís na noite passada fora o mais erótico de todos. As coisas que o deixou fazer com ela. Um dia, eles não seriam apenas sonhos e fantasias.

— Boa noite, Lindsay.

Sua voz suave tomou conta dele como uma carícia, e sentiu sua excitação crescer. Era tão difícil de esconder seus sentimentos por ela. Ele duvidava que pudesse por muito mais tempo.

Ele sentia sua mão enluvada tão bem enquanto levantava os dedos dela aos lábios. Seus olhos, aquelas belas e hipnotizantes piscinas, capturaram sua atenção, observando os lábios lentamente desceram para a ponta dos dedos. Permaneceu lá, inalando seu perfume, observando a ascensão e queda de seus seios no corpete apertado. Ela se moveu apenas um pouquinho, e a nuvem de seu rico perfume levantou-se como uma espiral em torno dele. Havia perfumado seus seios com o perfume francês que comprou para ela.

O desejo apoderou-se dele e tudo se perdeu exceto a necessidade, fechou os olhos e inalou o perfume inebriante. Em sua mente, podia ver o filete líquido dourado entre a fenda dos seios. Viu-a tirar a rolha do frasco de cristal e a mão dela arrastá-lo ao longo de seu decote. Um dia, ele prometeu, estaria largado com negligência em sua cama, amarrotado após seu ato de amor, e a veria em sua toaleta. Um dia, viria por trás dela e tiraria a rolha de sua mão e traçaria os seios com ela. Um dia, ela se olharia no espelho e o veria ali, o desejo em seus olhos.

— Lindsay?

Lentamente, suas pálpebras se abriram e lá estava ela. Sua cabeça estava inclinada, o lábio pronto para roubar-lhe a boca. Não seria nenhuma provação, e sim altamente excitante puxar as pequenas mangas bufantes de seu vestido para baixo expondo seus braços. Sabia que ela estaria usando um espartilho, mas em seus sonhos, estaria nua por baixo, descoberta aos seus olhos e mãos.

Seu olhar percorreu o rosto dela, que era tão adorável para ele, então baixou até sua garganta, a qual ele ansiava pousar os lábios sobre, até sentir a pulsação que se agitaria como asas de borboleta. Cada centímetro dela era tão delicioso como um doce em uma doceria. E Deus, ele estava além de querer apenas um gostinho dela.

— Boa noite, anjo — disse ele sobre a sua mão.

— Você está deslumbrante, como sempre.

— Você tem praticado sua lisonja, milorde — disse com uma pequena risada que soou muito alta.

Nervosa? Excitada? Seu riso pareceu anormal.

— As senhoras em Londres devem desmaiar com sua habilidade, senhor.

— Não sei. Não compartilho qualquer elogio com outras senhoras exceto com você,

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

